

REVISTA

DO

PARTHENON LITTERARIO

QUARTO ANNO

SETEMBRO DE 1875

III

PORTO ALEGRE

IMPRESA LITTERARIA

1875





JOSÉ BONIFÁCIO DE ANDRADA E SILVA.

Lith. de J. Alves Leiro.



A VELHA QUITERIA

ROMANCE

V

Era o domingo da Trindade.

A velha Quiteria tinha por costume, quando havia festa na igreja, de jantar em casa de D. Sophia. Este habito só era quebrado na sexta-feira santa, dia este em que ella observava rigorosamente o estabelecido pela igreja e ainda em cima recommendado pela pastoral do bispado sempre prodiga de indulgencias.

O Espirito Santo era no seu entender a festa nossa.

Era uma alegria immensa, uma loucura até a que sentia D. Quiteria por occasião d'essa festa. E quando ia a bandeira á sua casa? !... N'esse dia estava satisfeita, risonha, folgazã e menos impertinente até. Quem quizesse obter alguma cousa da velha era esperar pela semana do Espirito Santo, embora o pedido fosse inconveniente e bastante pesado aos seus interesses. Ainda conta-se a seu respeito um facto que demonstra evidentemente a sua annuencia áquillo que se lho pedia n'essa epocha. Uma velha de mantilha que com ella se relacionára n'uma novena do Carmo, por diversas vezes instára com a D. Quiteria para ser a fiadora da casa em que morava, mas infelizmente sempre erão indeferidas as suas pretensões.

Não era pelo receio que a peticionaria deixasse de pagar os alugueis; mas sim pelo unico facto de evitar questões de justiça e incommodos de espirito a que está sujeito todo o fiador. A justiça era a unica cousa que a Sra. do Sacramento temia n'este mundo e ver-se privada do uso

da lingua. Estes erão os dous pesadelos que a perseguião. Porém... Um domingo do Espirito Santo a velha de mantilha encontrou-se com a D. Quiteria e renovou pela centesima vez o pedido da fiança. Promptamente a tia de Josephina annuo com a convicção unica de não ser a fiadora mas sim a contribuinte e ainda em cima franqueou a sua dispensa e algum franguinho quando estivesse doente. Esta promessa foi cumprida fielmente por espaço de cinco annos, emquanto viveu a sua protegida.

Quem recorresse á sua protecção n'esta quadra era expontaneamente servido e com generosidade. Contão ainda muito factos semelhantes a este, porem mencional-os aqui seria por demais fastidioso.

A Sra. Quiteria mal anoiteceu, lá se foi com a menina e a familia Pechinha para o leilão das offerias. Fazia frio, a atmospherã estava humida e a viração enregelada e a Sra. D. Quiteria tão cautelosa, como era, nada sentia. O nariz estava vermelho e lustroso, que nem tomate, á força de oito calices de vinho que bebera no jantar do Pechinha e mais dous ao sahir de casa receiando algum resfriamento na praça. A Sra. Sacramento era providente e apezar de toda a sua devoção não podia esquecer os beneficos resultados que sempre colhera do uso do vinho do Porto.

Mal chegarão ao barracão sentárão-se todos nas cadeiras, que a providencia da velha fez conduzir para ali logo depois do jantar. No seu pensar quem se accommodava nos bancos construidos por conta do festeiro, não era gente decente. Nas suas cadeiras ninguem se sentava a não ser as pessoas que lhe acompanhavão a festa. Quem não tem cadeira, dizia ella, quando ouvia algum pretendente, sente-se no chão. Uma vez um bregeiro ouvira isto, e sem mais nem menos, aboletou-se n'um assento da velha, porem foi por pouco tempo. A velha grudou-se-lhe na orelha que o pobre rapaz viu-se em calças pardas para restituir á liberdade a orelha inoffensiva agarrada bruscamente, como um recruta em tempo de guerra. Isto foi notorio e por isto a Sra. D. Quiteria gozava em publico de muito respeito e consideração. Depois d'este facto ninguem mais cubiçou as suas cadeiras.

A velha estava n'esta noite como já era de esperar, satisfeita e toda alegre com o «espirito» dos leiloeiros. Em tudo achava ella graça e motivo para massar a sobrinha e D. Sophia.

De repente apparece no leilão uma gallinha enfeitada de topez azues.

— E' a minha carejó, disse a velha em voz alta dirigindo-se a Josephina e chamando a attenção de todos sobre si.

— E', minha tia.

— Coitadinha... accrescentou ella com uma expressão de tristeza...

O leiloeiro quiz fazer espirito d'isto, porem conheceu em tempo

ainda a voz da velha e não quiz expor-se em publico pelo menos a alguma descabellada de compostura.

A gallinha fôra arrematada por cinco mil réis por um homem da roça.

A Sra. Quiteria incommodou-se vendo o destino da sua carejó e torcendo as ventas disse não sei que indezencia, entre os dentes tão poucos e isolados, como linhas de aliradores:

— Vê, disse ella contristada, aonde fôi parar a minha gallinha ?

— Estou vendo, respondeu D. Sophia.

— Dôe-me o coração vendo-a n'aquellas mãos... Não é Fifiina ? !

— E', minha tia.

— E eu criei ella com tanto mimo...

— Foi mesmo, juntou a menina...

— Se aquelle bruto me vendesse... eu comprava... dava-lhe o mesmo dinheiro...

— Só falta chorar, disse o Pechincha...

— E o que tem Vmc. com isso, advertio-lhe a velha... Olhe, olhe por sua causa o bruto lá se foi com a minha carejó... sem eu vel o.

Entregue a tristes reflexões estava a velha, quando notou que um alferes não tirava os olhos de Josephina. Isto foi bastante para encoerisal-a ainda mais visto já não estar de bom humor desde que vira a sua carejó nas mãos d'aquelle homem da roça.

A velha começou a observar jesuiticamente o que havia entre a menina e o alferes, e em poucos minutos chegou a cruel realidade do que existia mutua correspondencia de olhares e sorrisos entre ambos. E sem mais se poder conter dirigiu um olhar de furia sobre a menina que timida como era, e receiosa de alguma imprudencia, baixou os olhos para o chão, toda enrubecida e triste.

Depois de ter subjugado a menina, só com um olhar, quiz da mesma fórma tambem repellir o insolente que se animava pretender a sobrinha que havia sido creada para a religião e para Deus e nunca para se unir pelos laços do matrimonio a quem quer que fosse !...

O alferes que vio o olhar imprudente lançado sobre a menina que ainda toda envergonhada não ousára desviar os seus olhos negros e vivos do chão, fixou a velha com uma expressão que podemos mesmo classificar de altiva e insolente.

D. Quiteria mecheu-se na cadeira, recuou a para traz, trançou as pernas, franziu as sobrancelhas, mordeu os labios e estalou os dedos denotando em cada movimento que fazia a raiva de que estava possuida. E a tudo isto, o moço immovel, de braços cruzados sobre o peito desafiando com o olhar fixo as iras da tia de Josephina.

A noite estava estrellada, mas apesar d'isto a mocinha recebeu de um momento para outro alguma tempestade sob o toldo do barracão. Se a velha podesse com o braço vencer a distancia que a separava do alferes, se ella podesse passar junto d'elle sem ter que desacommodar

meio mundo, o negocio desde principio teria mudado de figura. Ella tinha um genio intolerante, irascivel e precipitado e não supportaria por tanto tempo a allivez e energia do moço. Com que impetos não estava ella dominada para tomar um desforço d'aquelle insolente que lhe estava provocando com a linguagem expressiva dos olhos? !...

A velha suspirava, suspirava de raiva como dizendo : ah ! se eu te pego, patife, faço-te dar meia volta como nunca tivesses dado no teu balthão...

Derão dez horas e os fogos começarão a arder.

D. Quiteria estava calma, indifferente e não sorria como era seu côstume, para os fogos, os fogos !... que era uma das suas paixões ardentes n'este valle de lagrimas.

De repente um sorriso se desenhou nos labios da velha. Um pavão de rabo aberto começou a gyrar todo illuminado entre uma tremenda estrelaçada de estopins e de lagrimas. Só isto a fazia mais alegre. O pavão veio-lhe recordar as suas gallinhas e perús que estavam bem quietos em casa, enquanto ella ali tinha o inferno dentro da alma.

Final o fogo acabou-se. A velha procurou ainda o alferes porem não o vio mais. Incommodada por havel-o perdido de vista sem se ter desaffrontado, quando voltou para casa nem sabia por onde caminhava e teve a infelicidade de cahir e pisar um pé.

— Por tua culpa, disse ella para a menina quasi sem poder se levantar, por tua culpa, é que me pisei toda assim...

A menina tremia, não de frio mas de medo.

VI

A velha entrou em casa ainda rengueando e sentou-se n'uma cadeira junto á mesa de jantar.

Feia como era, e com o rosto afogucado de raiva e de cansaço engratado n'uma coruja de lã encarnada e preta e ainda em cima os oculos de tartaruga tradicionaes na familia, sem mais nem menos, digão-nre se a velha não seria capaz de fazer um defunto rir-se a não querer mais.

A sobrinha a tremer como um junco, e com os olhos baixos, abria e fechava insensivelmente uma caixinha de confeitos que o padrinho lhe déra nos fogos.

A Quiteria de vez em vez endireitava os oculos para observar a menina, que nem sequer uma só vez se animára erguer os negros olhos. Fundo e tectrico silencio reinava entre ambos ; de repente porem, a velha mexeu-se na cadeira e levantou-se, descançando as mãos sobre as bordas da mesa como se fosse uma tribuna.

Josephina estremeceu ao rumor da cadeira e das suas mãos de anjo, desprendeu-se-lhe a caixinha de confeitos.

Coitadinha! Habituada desde a mais tenra infancia a rigidez da tia, e conhecendo melhor do que qualquer outro de quanto ella seria capaz n'um momento de colera, seu espirito timido recebia n'essa noite as impressões mais negras e tristes que se podem imaginar.

A velha tossiu e dirigiu-se á moça :

— Ingrata, tu não tens mais o direito de olhar para mim... Quando perdeste tua mãe encontrastes uma outra em mim... Criei-te... eduquei-te para amar a Deus e não para amar os homens... Julgas que eu não vi os olhares, os sorrisos que trocavas com aquelle moço insolente e infame que olhando-me desrespeitou-me...

— Eu olhei e sorri para elle porque julguei que não fazia mal...

— Não fazia mal!... Não fazia mal!... repetiu a velha com voz de trovão, dando um soco na mesa, tão forte que a mucama já dormia a somno solto deu um salto da cama julgando que estavam arrombando a porta da rua.

— Tu não sabes que Eva foi arrastada ao peccado pelos olhares e sorrisos da serpente... Tu sabias isto e se errastes foi porque quizestes... Sei o que hei de fazer de hoje em diante... Antes evitar o mal do que punil-o... Não me sahirás de casa durante um anno... E' o castigo que mereces... Talvez possas ainda te tornares digna do amor de Deus...

— E não verei o meu padrinho?

— Ha de ver se eu quizer... O seu padrinho não me vem dar leis em minha casa... Aqui quem manda sou eu e mais ninguem... Julgas tu que eu tenho medo do teu padrinho, malcreada...

— Eu não disse isto.

— Vá já para o seu quarto.

A menina levou o lenço aos olhos e á soluçar doridamente retirou-se para o aposento.

Era demais! Isto um dia deveria acabar.

Não ha resignação, não ha calma que uma vez não desespere e reaja contra o jugo oppressor.

Quantas vezes o despotismo do lar, a tyrannia enthronizada entre quatro paredes, não abre as portas do crime á corações innocentes a mais das vezes impellidos para o tremendo dos vicios na luta e no cansaço de cruel desespero.

Só Deus o sabe.

VII

Vinte e tantos dias haviam decorridos do domingo da Trindade.

D. Quiteria puzera em pratica o castigo que promettera á sua sobrinha, n'aquella noite fatal, em que vimos a pobre moça corresponder á afeição do alferes.

Josephina soffria resignada todas as vexações sem procurar justificar-se, mostrando de dia em dia maior animo, mais energia que já não coadunava com a sua natureza e educação.

A luta em vez de de-acoroçoal-a, ao contrario, despertou em sua alma novos sentimentos que vivião até então adormecidos. Fina já não era aquella criança fraca, timida e obediente como uma escrava; a chamma do amor vigorou lhe as cordas do coração, como o sol as fibras do arbusto que ha de em breve tornar-se arvore, cheia de seiva e exuberante de viço, de flores e fructos.

Póde-se desviar do coração de uma moça um affecto menos nobre, uma paixão que em vez de tornal-a feliz, lhe assignalasse o primeiro marco da sua desventura, mas nunca será com a voz severa e aspera da imposição ou por outros meios que a brutalidade e a ignorancia a mais das vezes utilisa.

Muitas vezes o raciocinio, a propria logica de nada valem para essas creaturas dominadas pelo enraizamento e enthusiasmo de um sentimento desmarcado. Quasi sempre n'essas lutas sac triumphante a amizade persuasiva, meiga e carinhosa, e raras vezes a razão e a imposição imprudente e severa.

Se os affagos ou sorrisos, se a supplica entre o estrepito dos beijos, não podem conseguir nada d'essas creaturas tão fracas e tão fortes, muito menos ainda a austeridade e a força.

E por isso Josephina em vez de despedaçar o idolo de suas afeições, como sua tia desejava, de dia em dia mais augmentava o seu culto, a sua santa adoração. Ella amou o alferes Julio de Aguiar com toda a timidez da innocencia e a candura de uma alma toda divina. Mas aquelle sentimento que despontára timido em seu coração, como a violeta que muitas vezes murcha sem ninguem a ver, assim nascera elle e talvez morresse se o baptismo das lagrimas de um soffrer immenso e cheio de resignação não lhe dêsse alento e vigor, como dá o orvalho da noite ás flores que brotão no deserto valle.

Apezar de toda a vigilancia da velha, a menina via seu amante no sobrado contiguo á sua casa, onde moravão alguns cadetes estudantes da escola militar e por intermedio da escrava correspondia-se com elle de vez em quando.

D. Quiteria nunca suspeitou o que ia por sua casa e ai ! da menina e da escrava se isso chegassé a ser descoberto !

A Rachel talvez fosse vendida depois de bem castigada e a menina iria por certo para o recolhimento do Carmo — o sonho d'ouro, o paraizo que a velha aspirava para a sua filha de criação.

E para a felicidade de todos a velha nunca affagou em seu espirito a menor suspeita do que se passava sob o tecto em que vivia.

Se isto acontecesse ai ! da pobre moça e da misera escrava ! Havião de pagar bem caro a sua audacia.

Continúa.

MANFREDO

DADOS HISTORICO SOBRE A PROVINCIA

ILL.M. E EXM. SR.

Accuso a recepção do officio de V. Ex. datado de 5 do corrente, em que exige circumstanciadamente os motivos porque se achavão n'esta villa em depo ito, e com que orden, os objectos bellicos apresados pelo inimigo no dia 25 do mez proximo passado. Cumpre-me responder a V. Ex. que as 83 armas de infantaria vierão para esta villa com as mais que remetti para essa cidade, que forão enviadas pelo Exm. Sr. general em chefe do exercito, determinando-me que as mandasse aqui compor, as quaes depois de promptas lhe dei parte, e n'essa me.ma occasião me determinou que fizesse seguir para o trem de guerra as que fosse impossivel sua compostura n'este lugar, o que assim pratiquei : n'esta mesma occasião vierão quatro bocas de fogo montadas, que as mandei occuliar nas immedições da Cruz-Alta, já por desconfiança, como participei a V. Ex. quando marchava com uma reunião para essa por ordem de V. Ex. Quanto ás quatro bocas de fogo arrebatadas pelo inimigo, havião quatro ou cinco dias que aqui tinhão chegado, em occasião que eu tinha marchado para a divisão estacionada sobre Cahy, com uma reunião, sem virem acompanhadas de guia alguma. Quanto ao aço e limas havia pouco, e aquelle recebi vindo da villa da Cachoeira por ordem do Exm. Sr. general Bento Manoel Ribeiro,

para supprir a ferramenta da fabrica de carretas do Estado, e a outros pedidos para o exercito, como posso mostrar pelo livro de sahidas que casualmente escapou. Os cincoenta e um meios de solla me forão entreguez pelo patrão Thomaz Rodrigues vindo de Taquary sem guia alguma, e perguntando-lhe de quem tinha recebido, respondeu-me que lhes tinhão vindo trazer a bordo, e que pertencião ao Estado, para me entregar n'esta villa; dos quaes lhe passei o competente recibo. O archivo do commando geral do município a meu cargo, arrombarão a porta estando fechada, e não só queimarão todos os papeis, como me saquearão quanto me pertencia, escapando-me só um bahú com alguma roupa: a barca de passagem se achava fundeada no Passo Real de Jacuhy entregue a camara municipal d'esta villa por ordem do governo. Quanto a solla do cortume do Estado, mandando eu dar balanço ao mesmo só faltarão 18 ou 20 meios; e na parte que dei a V. Ex. em meu officio de 28 do passado, dizia que o inimigo tinha estragado porção de solla, e não toda como V. Ex. supõe.

Finalmente manda S. Ex. o Sr. vice-presidente do Estado, que pela autoridade competente fosse instruir processo contra aquelles individuos que a voz publica indicar serem cúmplices no plano do inimigo, afim de serem punidos com todo o rigor das leis existentes, quando pronunciados: já tinha tomado essa medida, e não tem sido possível descobrir-se; e agora passa a autoridade a quem compete, afim de dar execução ás ordens de V. Ex. O juiz de paz da freguezia de Santo Amaro João Baptista Meirelles, vio passar as quatro canoas de tolda, e chamando pelos patrões para chegarem á falla, estes lhe responderão que vinhão para esta com carga de D. Felisberta; e este juiz de paz nada desconfiou: no mesmo dia tive parte que o inimigo marchava além do rio Guahyba, com direcção a esta villa, e bem intelligenciado ficou no mesmo instante por deus filhos de Luiz Rangel, que evadidos do inimigo passarão o rio a nado, e lhes contarão tudo; e nem mesmo assim deu parte alguma a este municipio, tendo sobrado tempo. As pessoas saqueadas com vagar remetterei a V. Ex. uma relação de seus nomes e prejuizos. A fiel e litteral execução da circular de 17 de Agosto proximo passado, inserta no n. 95 do periodico — *Poro* — acerca do despacho das canoas, e embarcações que transitão nos lugares apontados, tenho dado á mesma a mais fiel execução na parte que me toca; porquanto para velar sobre o que é a bem do Estado, nunca me poupei.

Junto achará V. Ex. as relações dos escravos dos dissidentes arrebatados pelo inimigo, que fiquei de enviar a V. Ex. em meu officio de 28 do passado.

Deus guarde a V. Ex.—Quartel em Rio Pardo 10 de Dezembro de 1839.—Illm. e Exm. Sr. Domingos José de Almeida, minis-

tro da fazenda, encarregado do expediente da guerra. — *Antonio Joaquim.*

Quartel-general na Villa Setembrina 17 de Dezembro de 1839.

ORDEM DO DIA

O general commandante em chefe do exercito com indizivel prazer faz publico ao mesmo o decreto abaixo transcripto de 23 do preterito, pelo qual S. Ex. o Exm. Sr. Presidente resolveu entregar temporariamente o timão do Estado ao eximio patriota o Exm. Sr. Vice-presidente e voar ao seio do exercito reassumindo seu commando em chefe, e a par de seus antigos companheiros d'armas partilhar de suas glorias e fadigas, e d'est'arte antecipar a queda do throno brazileiro: descrever as vantagens que a prudente deliberação de S. Ex. garantem a causa publica, seria ocioso, quando por si altamente fallão, e se tornão salientes por qualquer face encaradas: sua espada sempre fatal aos tyrannos, seu genio marcial e conhecimentos estrategicos vão ser utilmente desenvolvidos: elles augurão ao continente uma nova e brilhante epocha que será sellada com a completa regeneração do Estado; enquanto o leme d'este se acha conferido a um cidadão prestimoso e probo que nada deixará a desejar, e saberá dignamente desempenhar a alta missão que lhe foi confiada.

O general commandante se congratula com todo o exercito ao annunciar-lhe que em poucos dias terá á sua frente o patriarcha da liberdade rio-grandense, que desprezando novas tentativas dos imperiaes d'ellas burlára, precipitando pelo solo seus agonisantes fragmentos, os quacs reconhecendo a prestar-se o momento de sua terrivel queda tem sido agitados por violentas convulsões que a devem acelerar.

O general commandante aproveita a oportunidade para tributar sinceros agradecimentos aos Srs. officiaes superiores, subalternos, inferiores, e em geral a todas as praças do exercito pelos relovantes serviços que têm prestado á causa publica durante o tempo que tem tido a gloria de commandal-os, assim pelo valor nos combates e constancia nas

privações; como pela ordem e morigeração que em todos sempre divi-sou, e seria injusto se pretendesse individualisal-os quando simultaneamente o praticavão, e esperança-se d'ora em diante igual, e a ser possível duplo enthusiasmo os continuará a animar em torno de tão digno chefe, protestando a par d'elle e do exercito empregar seus ultimos esforços, não omittindo sacrificio de qualquer genero para desempenho do posto que lhe fôr novamente conferido.

DECRETO

Caçapava 23 de Novembro de 1839. — Quinto da independencia e da Republica Rio-Grandense.

Seramente compromettida a nação Rio-Grandense no prompto triumpho da causa Catharinense, para cujo Estado o inimigo commum parece haver convergido todas as suas forças e recursos, para extinguir nos seus honrados habitantes os sentimentos da liberdade n'aquella parte da America, proximamente por elles desenvolvidos, e de novo cevar-se de sangue e estragos, como fizeram no Pará e Bahia; e não podendo o general commandante em chefe do exercito voar ao ponto que n'aquella parte, e em qualquer outra do litoral d'esta Republica seja mister operar, pelos males que podem sobrevir da falta de sua continuada assistencia no grosso do exercito nacional que sítia Porto Alegre, o general presidente do Estado, a vista de taes ponderações, a vista da alta missão que lhe foi confiada, e depois de ouvir o conselho dos ministros, ha resolvido temporariamente encarregar se do mando em chefe do referido exercito, passando a administração da republica ao vice-presidente mais votado, que se acha na capital, e por isso decreta:

Artigo unico.—O cidadão José Mariano de Mattos, vice-presidente mais votado, emquanto o presidente actual se acha dirigindo as operações do exercito da republica Rio Grandense, fica encarregado, como lhe compete, da administração da mesma.—Domingos José de Almeida, ministro e secretario de Estado dos Negocios da fazenda, encarregado

do expediente do interior o tenha assim entendido e faça executar com os despachos necessários. — *Bento Gonçalves da Silva*. — *Domingos José de Almeida*. — Cumpra-se, registre-se, imprima-se e publique-se. Era et supra. — *Almeida*. — Foi publicado n'esta secretaria de Estado dos negocios do interior, e registado no livro 1º a fl. 67 v. — Caçapava, era et supra. — No impedimento do official-maior, o 1º escriptuario *Miguel da Rocha Freitas Travassos*. — *Antonio Netto*. — Está conforme — *Luiz José Ribeiro Barreto*, secretario militar.

ILLM. SR.

A nenhuma pesquisa acerca das pessoas que transitão pelo interior da republica, alem de comprometter a segurança individual dos habitantes do campo, franqueia ao inimigo os pormenores do estado de nossas cousas, por isso que os seus bombeiros e agentes, sem obstaculo entre nós se internão, roubão, seduzem, assassinao e regressão com as noticias que lhes convem. Para evitar, pois, os males apontados, e tolerados pela ausencia das autoridades locais, ora felizmente restabelecidas em qua-i todo o Estado, manda o governo que V. S. determine aos commandantes dos districtos do departamento de sua jurisdicção policial, que depois de recebimento do presente aviso, que lhes enviara por copia, prendão e remettão com segurança para a cadeia da cabeça do mesmo departamento, ou para a da capital, onde se deterão quinze dias, todas as pessoas que de uns para outros districtos transitarem sem portaria de autoridades competentes, ou que ao entrarem nas povoações a ellas se não apresentarem; afim de que por esse meio se conheça do movimento da população, e se evitem a não interrompida communicação do inimigo.

Dos commandantes referidos exigirá V. S. mensalmente uma relação circumstanciada de todos os acontecimentos occorridos nos seus districtos, as quaes, com as reflexões que lhe parecer conveniente fazer, para medidas a proposito, enviará ao governo pela repartição da justiça no principio de cada mez, para que o mesmo governo a vista d'ellas possa organizar o systema policial que convier a republica.

De seu patriotismo, e zelo pela causa nacional, conta o governo com a fiel e prompta execução de quanto fica determinado.

Deus guarde a V. S. — Secretaria da fazenda, encarregada do expediente da guerra e justiça em Caçapava 19 de Setembro de 1839. — *Domíngos José de Almeida*. — Ilm. Sr. major Fructuoso Borges da Silva e Fontoura, chefe geral de policia da capital e municipio. — Iguaes a todos os chefes geraes dos diversos departamentos do Estado.

EXTERIOR

REPUBLICA DE SANTA CATHARINA

Quartel-general na cidade Juliana da Laguna 23 de Outubro de 1839.

ORDEM DO DIA

O cidadão general em chefe do exercito catharinense manda publicar o decreto da data de hontem com a relação dos officiaes da guarda nacional, e do 4° batalhão de caçadores de 1ª linha, para que seja observado. — *David Canabarro*. — Está conforme — *Manoel Fernandes da Silva*.

LIBERDADE IGUALDADE HUMANIDADE

DECRETO

Afim de preencher as necessidades do serviço, sustentar o systema democratico pela nação adoptado, e acudir com vantagem a defeza da gloriosa luta, em que ella se tem empenhado, o presidente provisorio do Estado, depois de ouvido o parecer do conselho governativo, ha por bem approvar as propostas dos officiaes dos differentes corpos de guardas nacionaes e do 4° batalhão de caçadores de 1ª linha, que n'esta data lhe remetteu o Exm. cidadão general em chefe do exercito catha-

rinense, e portanto todos os cidadãos n'ella contemplados, entrarão desde já a gosar das prerogativas e regalias que são inherentes aos seus respectivos titulos e gradações.

Antonio Claudino de Souza Medeiros, ministro e secretario de Estado dos negocios da guerra, marinha e exterior o tenha assim entendido e faça executar com os despachos necessarios.

Cidade Juliana da Laguna 22 de Outubro de 1839. 1° da independencia e da republica Rio-Grandense.

Vicente Ferreira dos Santos Cordeiro.
Antonio Claudino de Sousa Medeiros.

Cumpra-se publique-se e registre-se.

Era et supra.

Medeiros.

Registado no livro 1° de registo de semelhantes a fl. 8 v.

Secretaria da guerra em 22 de Outubro de 1839.

Está conforme.

No impedimento do official-maior, o 1° amanuense da secretaria

João Thomaz d'Oliveira Junior.

JULIA

(CONTO)

A. A. DE AZAMBUJA

PROLOGO

Deixem-n'a passar.

Pobre Julia ! Como ella tem o rosto emmagrecido, a tez pallida, os olhos encovados, e os nervos de seus braços como se achão entei-ricados !

Prestai attenção... ella falla...

Mas o som rouco de suas palavras não se assemelha á voz hu-mana !

E ella vagueia, e todos a perseguem, todos temem que a desgraça que a ferio seja contagiosa ! Evitão-n'a como evita-se o reptil vene-noso !

Asylo onde se aguarde das intemperies, agua que lhe mate a sede que a devora, pão, que lhe mitigue a fome que a enfraquece, momen-tos em que descance o espirito, que todos os dias torna-se mais e mais atribulado, voz amiga que lhe derramen'alma o santo balsamo da cou-solação — ella não tem !

Nada ! oh ! meu Deus !

Como ella tem pago tão caro as torturas porque me fez passar !

Pobre Julia ! quem te conheceu quando tu, qual mimosa flor começavas a entreabrir as candidas pétalas de tuas risonhas primaveras, quem te conheceu então, tão bella, tão cheia de vida, e te vê hoje, com o corpo alquebrado, a face emmagrecida, a cutis enrugada, ah ! por certo que deve desconhecer-te !

O que é feito d'aquelle sorriso divinal que era outr'ora o ornamento de teus labios tão puros ?

Louca que então eras !

Tu trocaste esse sorriso das virgens pelo gargalhar infrene e desconcertado das mulheres prostituidas ! Tu o perdeste n'essas ruidosas noutes de orgias, entre o vozear de tuas companheiras e o delirar de almas corruptas !

O que é feito d'aquelle colorido tão bello que outr'ora tingia tua asseelinada cutis ?

Elle desbotou ao transpores es. umbraes das infimas possilgas onde trocaste a tunica de donzella pelo manto das alméhs !

Pobre Julia ! Muito me fizeste soffrer, é verdade, mas bastante tens soffrido !

E que mudança !

Hontem, era a minha fronte idealista de mancebo, que vergava ao sopro gelido de teu desprezo, hoje, é o meu coração, amadurecido por longo reflectir, que chora ante a desdita que te esmaga !

Insensata ! regeitaste o amor que eu te offerecia, para te entregares á discrição de um dandy, verdadeiro seductor, que só amava a tua belleza material !

A candidez de teu coração, a pureza de tua alma, a elevação de teus sentimentos, pouca cousa erão para esse vil materialista que só admirava o meneio de teus ôlhos, o sorriso de teus labios e o fascinar de teus gestos !

As palavras de amor que te dizia, erão phrases estudadas que elle repetia a todas a quem se dirigia, e não filhas das crenças de sua alma, como tão comicamente te fazia erer !

E tu, Julia, acreditaste n'essas scenas de theatro, e regeitaste o amor sincero que espontaneamente te offerecia !

E como era puro aquelle affecto, Julia ! Como eu me sentia jubiloso ao ver-te ! como eu me sentia extasiado ao ouvir tua voz, essa harmonia sublime que parecia transportar-me a regiões ignotas !

E quando walsavamos, quando nossos seios confundião seus palpitaes, e que teus cabellos soltos vinhão bater em minhas faces, que felicidade, que prazer indizível eu experimentava então !...

Mas, para que lembrarmo-nos das epochas floridas do passado, quando o presente sé nos mostra tão nublado !

Hontem, Julia, martyrisaste-me porque insensátamente calcaste

aos pés o amor que te consagrei ; hoje soffro porque vejo te cahida n'essa arena onde o sol da redempção não pôde mais levantar-te !

Quando nas aras de um amor casto votei-te immenso culto, só me deste o desprezo, hoje que me inspiras compaixão, com que o teu orgulho recompensará minha piedade ?

Com amor, talvez !

Mas não, é tarde, muito tarde !

Se hontem cerrei os ouvidos ante o crime de que eras accusada, é porque te não podião responsabilisar por elle ; mas o abysmo que ora nos separa foi creado por ti e eu não poderia almejar-te sem que me salpicasses com a lama de que estás coberta !

Fazel-o seria expôr-me ao desprezo da sociedade, sempre prompta a estigmatisar os actos menos confessaveis que praticamos, ainda que esses, partidos de um principio falso, tenham um fim nobre, só ditado pela elevação de nossos sentimentos !

Entre nós só pôde e deve haver — compaixão e arrependimento !

I

UMA PARTIDA NA SOIRÉE

A 5 de Setembro de 1860, a sociedade *Soirée* dava a sua partida mensal.

Não obstante ser o baile um divertimento que nem todos amão, corre-nos o imprescindivel dever de convidar o leitor a acompanhar-nos aos salões da *Soirée*, pois que ahí vão passar-se as primeiras scenas de nosso conto.

Entremos, pois.

São nove hoias, pois n'este momento ouvimos a nona vibração no campanario da matriz.

Mais de quarenta representantes do sexo feminino aformozeão o vasto salão, que se acha deapido de adornos.

A orchestra deixa-nos ouvir as ultimas notas de uma walsa. Ao findar esta, os cavalheiros dão os braços ás suas damas e após algumas voltas pelo salão retirarão-se aos corredores, aonde fumão e conversão.

Só um par ainda passeia na sala.

A dama é de estatura mediana, côr clara, porte flexivel, olhos

azues e cabellos castanhos, que, soltos a esmo, cahem-lhe pelas espaldas.

O cavalheiro mostra ter vinte annos, pouco mais ou menos, é de estatura mediana, côr morena, cabellos negros e tem o labio superior coberto por um pequeno bigode.

Em seu rosto lê-se o prazer e a felicidade.

Seus labios de quando em quando entreabrem-se, deixando escapar algumas phrases a medo.

— Ouçamol-o, pois que elle levado pelo enthusiasmo falla um pouco mais alto.

— Oh! perdão, D. Julia, se n'este momento meus labios traidores que são, tornão-se os mensageiros de meus sentimentos! E posso por acaso ser culpado do amor que lhe consagro? Poderia por ventura vel-a sem amal-a? Ah! não por certo! Os anjos como a Sra. só inspirão amor. Eu amei-a: se é isto um crime, receberei o castigo com satisfação, por ser-me elle inflingido pela Sra.

— Oh! não o castigarei...

— Então, poderei nutrir alguma esperanza?... Serei correspondido?...

— Sim... Mamã chama-me, queira sentar-me...

— Ainda um obsequio, D. Julia: a maneira por que fui acolhido anima-me a solicitar-lhe a segunda quadrilha.

— Sim. eu lh'a cedo...

Venancio, pois que assim se chamava o mancebo, depois de conduzir Julia para junto d'aquella a quem tratara de mãe, dirigio-se aos corredores, aonde se achavão os demais companheiros.

— E's um feliz mortal, Venancio, pois que conseguiste commover o coração mais desejado de nossos salões, disse um dos mancebos, baten-do familiarmente no hombro de Venancio.

— Coração! oh! ella não o tem! disse um outro chegando-se para o grupo em que estava Venancio.

— Muito faz o despeito, meu caro Alberto, tornou o primeiro, se assim te pronuncias é porque não poderes conseguir aquillo que só foi dado a Venancio, — impera no coração da encantadora Julia.

— Cala-te, louco! eu não estou despeitado, ao contrario sinto-me jubiloso por ter-me ella regeitado o amor que lhe offereci, porque.

— Mas, atalhou Venancio ébrio de raiva, creio que em suas palavras ha uma allusão menos honrosa jogada a essa moça. Julgo ao menos ser isso, e bastante satisfeito ficarei se me tiver enganado...

— Infelizmente não enganou-se, Sr. Venancio.

— Ah! disse Venancio, dando um passo em direcção a Alberto.

— Detenha-se um pouco. Se disse que bastante estimava ter sido repudiado, é porque aquella por quem tão dedicada e abertamente o Sr. pugna, jamais poderá comprehender a pureza e sublimidade do affecto que lhe consagrei, porque é, finalmente... indigna d'elle!...

— Senhor !... retire as expressões de que acaba de usar, ao contrario...

— Ao contrario, repelio Alberto, o que fará o Sr. Venancio ?

— Far-lhe-hei engolil-as, disse Venancio, prestes a pôr em pratica aquillo que avançára.

Ambos tinham as faces incendidas e os olhos chispantes.

E sentimentos diametralmente oppostos os agitavão.

Venancio, o mancebo de sentimentos elevados, não podia por fórma alguma ver ante si calcada aos pés a honra da mulher a quem tanto affecto consagrava.

Para elle era uma verdadeira indignidade calar-se, quando a mulher por si idealizada soffria tão descommunal ataque.

Ao ouvir as primeiras palavras de Alberto, julgou sonhar !

Mancebo, cujos actos crão medidos pela elevação de seus sentimentos, jamais julgára haver alguém tão infame, que não trepidasse em atacar Julia, a donzella que elle suppunha o prototypo de tudo quanto é bello e sublime !

Alberto, cuja elevação de sentimentos não era inferior á de Venancio, era ainda mais — a encarnação da fraqueza e da lealdade. Julgava verdadeiro infame aquelle que calava-se ao ver o thurybulo da adulação ou do engano desfazer-se em ondas de perfume ante um idolo falso !

Ao fallarem-lhe em Julia, que elle perfeitamente conhecia, não como a donzella recatada, mas sim leviana e fogosa, não pôde conter-se, sem que dissesse alguma cousa a seu respeito.

Isso que elle julgava uma prova de seus bons sentimentos, é justamente o que Venancio, por não conhecer a sua sizudez, nem a levianidade de Julia, julgou uma infamia !

Os sentimentos que os animavão erão tão differentes como dignos e elevados !

Quando Venancio quiz precipitar-se sobre Alberto, os amigos de ambos que ali se achavão os separarão, cooperando assim para que tão desagradavel scena não tivesse um fim tragico, cujos resultados serião bastante lamentaveis.

— Sr. Venancio, disse Alberto ao retirar-se, devo-lhe uma expliçação, que dar-lhe hei quando e aonde lhe fór agradavel.

— Amanhã ás 4 horas da tarde eu o aguardo em minha casa.

II

UMA PARTIDA NA SOIRÉE

(CONTINUAÇÃO)

Ao finalizar-se a segunda quadrilha, quando os demais pares pasceiavam, Venancio e Julia sentarão-se no lugar mais occulto do salão.

Não escapou por certo a Julia a pallidez de marmore que cobria as faces de Venancio. Já por duas ou tres vezes elle tentara fallar-lhe, e outras tantas calara-se por sentir a voz como presa na garganta.

Julia, sebem que já houvesse tido conhecimento da desdgradavel scena havida entre Venancio e Alberto, e cuja causa fôra ella, fingia nada saber, não obstante a forte curiosidade que a dominava.

O silencio reinou por momentos entre elles.

Julia não pôde conter-se.

— Vou, Sr. Venancio, fazer-lhe uma pergunta, e dou-lhe desde já o direito de não responder-m'a, se a julgar indiscreta...

— Oh ! minha senhora... tenho certeza que V. Ex. não será capaz de fazer-me uma pergunta indiscreta. Póde portanto perguntar-me o que quizer, que serei solícito em responder-lhe.

— Obrigada pela maneira bastante bondosa porque me julga.

— Não sou bondoso em julgar-a ; V. Ex. sim, é demasiadamente rigorosa nos juizos que fórma de si. Mas, o que deseja V. Ex. ?

— Saber a causa da repentina mudança que se operou no Sr.

— Mudança !

— Sim, continuou ella sorrindo-se meigamente. Ainda ha pouco, no começo do baile, o Sr. estava alegre e expansivo, ao passo que agora está triste e parece meditar !... O que tem ? soffre ?

— Não, nada tenho... não soffro...

— Impossivel ! Ha provavelmente algum mysterio que o Sr. tenta occultar-me e eu de-ejo saber.

— Pois bem : ha um mysterio, e um mysterio que bem de perto lhe diz respeito.

— Visto isso, ainda mais ardentemente de-ejo conhecê-lo.

— E eu abstenho-me de relatal-o, porque fazendo-o, iria certamente magoal a.

— Não importa. A duvida é mil vezes mais esmagadora do que a realidade, por mais tremenda que ella seja.

— N'este caso ouvi-me.

Venancio relatou a Julia tudo quanto se passou.

Ella estava pallida, porem, quando soube que Alberto julgava a indigna do amor que por elle concebera, tornou-se vermelha como romã.

Venancio não notou esta transformação, e apenas terminou a narração, Julia, que até então conservara-se muda, disse-lhe :

— Quer que justifique-me ?

— Não, Julia ! Os anjos como a Sra. não baixão a justificar-se !...

— Obrigada.

Venancio continuou :

— A doçura e candidez de seu sorrir é a mais ampla e solemne justificação que almejo !...

Julia sorriu-so, mas o seu sorriso não foi comprehendido por Venancio...

Continúa.

VASCO DE AZEVEDO.

A GRUPIARA

DRAMA BRAZILEIRO

EM 1 PROLOGO E 4 ACTOS

PERSONAGENS DO PROLOGO

PEDRO SERRANO — Garimpeiro — Idoso
FLAVIO JAMES — Viajante — 36 annos.
AUGUSTO MARTINS — Idem — Moço.
ANTONIO VASQUES — Idem — Moço
DIONISIO (de côr parda) — Caçador — 40 annos.
DESCIO (filho de Pedro) 10 annos.
JOÃO DURO (côr indigena).
FRANCISCO PONTES —
CASIMIRO MENDES (Delegado de policia).
Garimpeiros brancos, indios e negros.
Côro interno e externo.

A acção passa-se perto dos Descobertos da Bagagem na provincia de Minas-Geraes.

PROLOGO

O MATADOR DE ONÇAS

SCENARIO : — Paysagem brasileira. Clareira no meio de um bosque. Terreno desigual. A' direita sobre a bocca da scena um monte donde desce uma pequena cascata que some-se atraz de uma linha de montes baixos que atravessão quasi a bocca do palco. Sahindo do monte pelo-lado de traz, um tronco grosso de arvore, sem ramas, que suppõe-se estar sobre a margem de um arroio. A' esquerda, tres coqueiros em linha e a pouca distancia um do outro; no centro, espalhados sobre a scena diversos arbustos, tendo um mais proximo ao tronco em que se vê uma flor, como rosa; no fundo, um coqueiro (saliente); ante-scena fundo, matta cerrada. Entre as arvores do fundo percebe-se a lua.
Ao despontar da aurora.

SCENA I

FLAVIO JAMES. Côro externo

FLAV. (*em trajés de viagem recostado a um dos coqueiros da esquerda occulto para a direita, está pensativo.*)

Côro externo (em retirada)

Vamos, vamos garimpeiros,
Vamos, vamos ao trabalho,
Arrancar os diamantes
D'entre as unhas do cascalho.

A manhã já vem surgindo,
Brilha o sol de galho em galho,
Mas não brilha o diamante
Que se esconde no cascalho !

FLAV. — Ceder !... Ceder !... Cumplice contra o coração, cumplice pela necessidade de salvar-me. Oh ! esta luta é superior ás minhas forças. ● que fazer ? (pausa) Obedecer. : Eis tudo. Serei cobarde. Mas o que posso, se não tenho em mim forças para lutar, para defender esse velho ? E o defenderia eu ? Não seria nova victima ? Avisal-o, seria perder-me ; perder todas as minhas esperanças de amor e felicidade ; cumpra-se pois o meu destino ! Faça eu esta sentinella de bandido, seja salteador, Deus me perdoará !... Ah ! se eu pudesse... mas era buscar a morte ; elles matar-me-hião e o Garimpeiro não seria salvo ! E' chegado o momento, elles ahi vem.

SCENA II

FLAVIO, MARTINS E VASQUES (entrão da esquerda)

MART. — Vamos, Flavio, ainda tens medo, cobarde ?

VASQ. — Nunca pensei que tu temesses um velho ; um velho contra tres moços ! Não acreditaria se me dissessem.

FLAV. — Bem sabem que não é medo.

MART. — Então ?

FLAV. — E' que não sou nenhum miseravel como vocês.

VASQ. — Mas serás nosso cumplice.

MART. — E quererás que repartamos comtigo o fructo de nosso trabalho ?

FLAV. — Sou vosso escravo.

VASQ. — Mas não quererás paga como tal ?

MART. — Ah ! ahi elle será tão assassino ou antes, salteador como nós.

FLAV. — Sou victima.

VASQ. — Silencio. Ouço rumor na matta.

MART. — São horas.

VASQ. — Reservamos-te o melhor papel, Flavio, sabes qual é ; cumpre-o ou irás fazer companhia no inferno á esse animal do Garimpeiro.

MART. — Psio !... Cuidado. D'aqui não poderemos ser vistos, mas toda a cautella é pouca.

VASQ. — Sentido nas pistolas ; só para o ultimo caso. Quanto menos ruido melhor. Eu sou o chefe, ninguem avançará sem mim. A' seus lugares e esperar.

MART. — O principal é que façamos tudo com o maior segredo. Tomemos-lhe os brilhantes que tem, mas o melhor é que seja nossa essa Grupiára que é de uma rica lavra.

(*Colloca-se cada um por traz de um dos tres coqueiros. Ouve-se quebrar de galhos.*)

FLAV. (*recuando*) — Ah!

VASQ. — Silencio, bruto!

FLAV. — E' uma sussuarana.

MART. — Uma onça?...

VASQ. — Deixal-a passar. Se não vem para nosso lado tanto melhor.

(*Uma onça atravessa vagarosamente a scena.*)

MART. (*vendo-a sumir-se*) — Bom signal. A empreza será magnifica.

VASQ. — Temos de nosso lado a justiça. Os diamantes não forão feitos para serem guardados na selva.

(*Ouve-se dentro um tiro de espingarda.*)

MART. — Diabo! temos gente perto.

VASQ. (*trepando rapidamente no coqueiro do meio junto ao qual está, e desce com a mesma presteza.*) — Outra vez o maldicto mulato!

MART. — Que dizes?

VASQ. — A verdade; mas hoje não nos estorva, lá se vai com a onça que matou.

MART. — Patife! Se não fôra acaso, acreditava que eramos espiados por elle.

VASQ. — Compreendo. Tinha perechido por estas bandas o rastro da onça e andava a cata d'ella, como elles dizem; deve estar agora satisfeito e da nossa parte nada mais temos que receiar.

FLAV. — E Deus?

VASQ. — Vai-te para o inferno! Falla-me do diabo que, se o ha, é o protector das grandes acções.

MART. — Não lhe dêes attenção. E' mais prudente veres se ha alguma novidade.

VASQ. (*trepando no coqueiro mas salta rapidamente em baixo.*) — Oh! maldição!

MART. — O que ha?

VASQ. — Uma horrivel caninana! Eil-a...

(*Vê-se uma cobra apresentar a cabeça entre as folhas do coqueiro. Flaxio dá repentinamente um passo e com a pistola prende um tiro na cobra que balancêa e desaparece.*)

VASQ. — Miseravel! Que fizeste? (*Levanta o punhal e vai sobre Flaxio.*)

FLAV. (*apontando a pistola que tem dois canos.*) — Salvei-te a vida, mas posso tirar-l'a se duvidades.

MART. (*intervindo*) — O que é isto? Vocês estão loucos!? Silencio!

VASQ. — Pois não vês, que foi de proposito que este infâme atirou. Mas eu hei de ensinal-o. Tantos trabalhos, tantos dias perdidos. Este cobarde nos atraicôa.

MART. — Bem. Guardemos isto para mais tarde. Flavio tem medo de morrer e elle sabe que sua vida está em nossas mãos.

VASQ. — Na ponta d'esta adaga!

MART. — Silencio!... Psio! Rumor na mata.

VASQ. (*á Flavio*) — Ao primeiro movimento suspeito que fizeres, toma sentido.

MART. (*em voz baixa*) — Basta.

VASQ. — E' elle!

MART. — Ouvi a voz do menino. (*Á Flavio*) Toma conta e cuidado.

FLAV. — Ah! é horrivel!... Sou vil...

MART. — Já sabia.

VASQ. — Cala-te, deixa esse animal.

SCENA III

Os mesmos, PEDRO SERRANO E DESCIO.

PED. (*depois de alguns momentos apparece esgueirando-se por baixo do tronco da arvore da direita enquanto que Descio vem por cima do monte e salta junto do pai, que lhe diz:*) — Então não viste alguém? Nem deixaste vestigios?

DESC. — Não, papai.

PED. — E' o mais necessario. Este thesouro não tem chave, é preciso occultal-o. E' ser egoista talvez; mas a Providencia que m'ó deu por intermedio de Dionisio, no dia de meu maior desespero, sabe quanta miseria, quanta fome nós curtimos. Quantas lagrimas não derramei, vendo morrer esposa e filhos sem ter um pão para dar-lhes de dieta; sem ter uma herba para curar-lhes ou abrandar-lhes o soffrimento! Depois, eu não tenho sido máo, tenho levado meu soccorro aonde a miseria e mesmo a necessidade tem prantos. Sempre se falla dos ricos e ha talvez alguém que diga mal de mim, adivinhando que tenho uma fortuna. Entretanto não quero esta riqueza para mim, (*assagando*) é para ti, meu filho, a quem desejo um grandioso futuro. Tu me comprehendes?

DESC. — Sim, papai.

PED. — Algum dia, farás mais ; me julgarás, e não terás senão a honrar-te da memoria de teu velho pai. Vai, meu filho, vai ; aprompta o nosso café ; toma cuidado que não peguez fogo na rama secca que pôde até incendiar o matto. Ha pouco ouvimos um tiro, é Dionisio que anda por ahi, ainda atraz d'essa onça maldicta que tem aqui na Bagagem feito tantos estragos e até já estrangulou dois cavallo do Juca Caypira ; se avistares Dionisio toma cuidado que não venha com a onça. Talvez que não esteja longe, pois o tiro foi cá por estas bandas. Pôde ser que tenha atirado atôa sobre algum guaryba ou sobre uma jacutinga para nos vir trazer de jantar como é seu costume. Vamos, meu filho ; vai tratar do nosso café.

DESC. — Já vou, papai. Estou vendo esta linda flor que vem abrindo aqui.

PED. (*assustado*) — Ah ! sahe, meu filho, sahe !

DESC (*recuando*) — O que é, papai ?

PED. (*apanha uma vara, chega-se junto do arbusto aonde bate e depois levanta uma grande aranha*) — Olha ! A Caranguejeira, a mais terrivel das aranhas ; se lhe botasses a mão morrerias envenenado !

DESC. — Ora ! o papai quebrou a flor !

PED. — Não é nada, ahi já tem outro botão ; depois ha muitas d'essas flores pelo mundo ; nas cidades se chamão camelias por serem mais aszetinadas, garbosas e de côres mais brilhantes ; aqui no sertão, dão-lhes o nome de rosa selvagem ou margarida das mattas. E fazem bem. Só aqui nascees, precisas d'esta sombra e d'esta solidão para viveres, pobre margarida ! não queres ser a camelia da cidade, mas sabes como ella ou mais do que ella occultar a vespa venenosa em teu seio. (*A Descio*) Meu filho, já está bem claro o dia, posso trabalhar ; vai tu tambem.

(*Descio vem colher agua na cascata e volta até junto ao coqueiro do fundo, onde tira fogo com isqueiro e finge accender gravetos.*)

PED. — Deus me dê a felicidade de hontem, e ainda alguns dias mais, depois já não precisarei trabalhar no deserto. (*Agarra na alavanca, no almocafre e na batêa que se achão atraz de outro arbusto e entra para baixo do tronco onde se some*) — Vamos, vamos. Tenho hoje um palpite terrivel. Isto é alguma... (*Ouve-se em seguida bater em terra dura.*)

MART. — Então, porque esperas ?

VASQ. — Esperemos.

MART. — A occasião é boa.

VASQ. — Espero melhor. Deixal-o trabalhar : talvez venha mais alguma cousa.

MART. — Mão, Olha que eu passo para chefe, quero decidir isto de uma vez.

VASQ. — Já te disse que esperes.

MART. — Não sei porque.

VASQ. — Espera e verás.

MART. — Não me faças desconfiar.

VASQ. — De quê?

MART. — Que tomaste o partido de Flavio.

VASQ. — Ora!

PED. (*sahe debaixo do tronco com uma camada de terra dentro da batêa que traz.*) — Oh! será possível? Não me enganarei eu?! (*Encaminhando-se para o lugar onde desaparecem as aguas da cascata, baixa-se depois, ficando encoberto pela linha montuosa.*) Toca a lavar este cascalho. A grupiára está muito dura. Mas não me enganava aquella formação tão pura de ferragem. (*Desapparece e ao mesmo tempo os tres viajantes a um signal de Vasques sahem detraz dos coqueiros e encaminhão-se de vagar e nas pontas dos pés. Martins e Vasques de punhaes nas mãos vão para o lado de Pedro; Flavio com um lenço e uma cinta encaminhando-se para Descio que está de costas e agachado junto do fogo perto do coqueiro; chega-se a este, tapa-lhe a bocca com o lenço e apesar do esforço do menino para escapar, ata-o com a cinta ao coqueiro e amordaça-o bem. Vai-se depois. Durante esta luta os outros quasi se aproximão de Pedro que tem acabado de lavar e levanta-se.*)

PED. — Será possível?! Como pintou as devéras!... Oh! estes seis diamantes sós, valem por cincoenta a sessenta contos de réis! Cada qual o maior! Os seis maiores que tem apparecido em todo o Garimpo da Bagagem. Ah! fortuna! desconfio de tanta felicidade, tanta riqueza! Quer-me a sorte pagar os desfavores do passado?... (*Fecha na mão esquerda os brilhantes, com a direita tira o chapéo e vai-se ajoelhando.*) Meu Deus!.. (*Recebe a facada no peito, dada por Martins.*) Ah!... (*Cahe de joelhos e levanta-se rapidamente já com a adaga em mão, dá um talho em Martins que recua.*)

MART. — Estou ferido... Acaba-o, Vasques.

PED. (*accommettendo, mas cambaleando.*) — Ah! são os senhores dous, meus hospedes... não sabia... que erão salteadores... tinham-me dito... que erão caxeiros... de cobranças!

VASQ. (*que tem procurado meio de accommetter, alcança a dar tambem uma facada.*) Morre de uma vez!

PED. (*esmorecendo*) — Ah! não matem meu filho... Elle precisa viver... E' criança... Não o matem... Eu já... vou morrer... (*deixa cahir a adaga e vai cahindo.*) Ah! que querião os senhores?... Diamantes?... Ah! os tendes, senhores ladrões... são seis... valem bem... muitos contos de reis. (*Cahido de todo.*)

VASQ. (*vai dar outra facada, ouve-se um tiro de dentro, a bala fere a Vasques que deixa cahir a faca.*) — Estamos descobertos... Ai! ai!... Eu ferido... depressa! (*Precipita-se sobre Pedro moribundo, as-*

sim como Martins que arranca os diamantes da mão de Pedro ; ambos rasgão-lhe a roupa, a camisa sobre o peito, olhão e recuão espantados.)

MART. *(feroz)* — Nada !... Não trouxe a bolça !

VASQ. — Ah ! o infame já está morto ! logrou-nos !

MART. — Ainda restão estes. *(Ouve-se outro tiro)*

VASQ. — Ao menos : mas serão meus. *(Precipita-se sobre Martins.)*

MART. — Nunca ! Hão de antes ser meus, que tive a lembrança.

VASQ. — Mas eu fui o chefe da execução.

MART. — Tu és um miseravel ! *(pega na faca.)*

VASQ. — É tu és um ladrão ! *(o mesmo.)*

DIO. *(dentro)* — Ataquem ! Ataquem ! *(novo tiro.)*

MART. — Ah ! fujaamos, perseguem-nos !

VASQ. — Aos cavallos ! *(vai a sahir pela esquerda.)*

MART. — Depois arranharemos contas ! *(novo tiro fere a este, que grita)* Ai ! acudão-me.

VASQ. *(volta)* — Anda depressa, senão mato-te ; ou então dá-me os diamantes.

MART. — Vamos. Se estivesse para morrer, atirava-os ahi n'essas moitas ou n'esse córrego. *(Sahem e Dionisio entra pela direita.)*

SCENA IV (PROLONGADA)

PEDRO (moribundo), DESCIO E DIONISIO

DIO. *(atirando sobre os fugitivos)* — Ah ! aquelles tigres brancos são mais custosos de caçar do que as onças malhadas ! Eu caçador velho, tremo agora atirando sobre aquelles dois malvados ! *(Emquanto carrega a arma)* Brancos mais vis do que o cugar ! Sois uns cobardes ! Sabeis matar a velhos e a meninos. Pois bem : eu que sou mulato, tratado por vós como um cão, queria que aqui estivesseis para mostrar-vos que a cor não faz o homem ; o que vale entre nós filhos do mesmo barro, é o coração ! Vocês não o tem. E' o brio, é a nobreza que se representa ou na corogem ou nas acções livres ; vocês não tem esse brio e essa nobreza ! *(Novo tiro ; atira com a arma fóra e vai ajoelhar-se junto de Pedro.)*

PED. *(tomando-lhe a mão)* — Dionisio, tu !... chegaste tarde.

DIO. — E' verdade, senhor.

PED. — Não... faz mal...

DIO. — Mas não ha de ser nada, vou pensar o e irei buscar o cirurgião do Aldeamento. Não ha de ser nada.

PED. (*com voz entrecortada*) — Não... Dionisio... não precisa... eu já não posso... Estou morrendo... Ai! Jesus... Meu filho... Meu filho... onde está?... Meu Deus!... Aonde está meu filho... Dionisio?...

DIO. (*Olhando em derredor. Depois em pé, avista o menino, corre para elle, desprende-o da arvore e o traz desmaiado nos braços; vai a cascata, borrisa-lhe o rosto com agua; elle torna a si.*) — Pobre criança, como o martyrisarão!

DESC. (*voltando á si*) — Papai!

DIO. (*trazendo-o para junto de Pedro*) — Não chores, Descio, tudo isto não é nada.

DESC. — Meu pai! meu rico paisinho!

PED. (*vendo-o*) — Meu filho... é uma miseria... que se ha de fazer?... Deus pune... o meu orgulho...

DIO. — Ah! senhor... não falle tanto... Faz-lhe mal!... (*começa a rasgar pannos brancos que traz comsigo.*)

PED. — Ah! deixa-me fallar... já estou... espirando...

DESC. (*chorando*) — Não, papai!... Não quero que morra!...

PED. — Ah! meu filho!... é preciso... Descio... meu rico filho; ahi... te deixo um pai. (*mostra Dionisio*) Dionisio... ahi te deixo... um filho!... Faz d'elle... um grande... homem!

DIO. (*chorando*) — Senhor, não se atormente; vai ser curado. Aqui tinha um lenço, estou fazendo ligaduras e felizmente temos perto a herba-balsamo que lhe vai cicatrizar todas essas feridinhas. Tenha coragem. O seu liberto aqui está que não o deixa morrer.

DESC. — Papai! Papai!

PED. (*contorcendo se*) — Não... não posso mais!... Meu filho... Descio... chega-te mais!... Dionisio... ai! ali... grupiára... muito!... ai! ai!... Rico... fica tu... Dionisio!... Descio... ai! meu Deus!... no pescoço... dá me... dá-me...

DIO. — Descio, dá ao papai o que você tem no pescoço.

(*Descio tira do pescoço uma bolça de couro cheia de diamantes e a entrega a Pedro.*)

PED. (*gemendo faz um movimento e despeja nas mãos de Dionisio essas pedras e dá-lhe a bolsa*) — Continúa... trabalha... ainda mais! Esconde... (*Espirando*) Ai!... Ai!... (*Finge botar uma golphada de sangue*) Ai!... ai!... morro... ah!... meu... filho!... Dio... nisio! ... Os assassinos... Deus!... Meu Pai!... Diamantes!... Meu Deus! ... Ah!... filho... Descio... Eu mor... ro!... A Gru... piára!... La... drões... Perdão... (*Convulção. Espira.*)

DIO. — Morto!... Ah! eu tenho visto. Era impossivel salvar-o.

DESC. (*Que tem estado chorando, abraçado ao cadaver*) — Meu pai! Meu pai!

DIO. (*abraçando-o*) — Não é nada, meu filho. (*Ajoelhando-se com o menino abraçado.*) Pedro, homem honrado; victima da desgraça! De hoje em diante esta criança será meu filho. Eu t'o juro!... Quem te deu esta grupiára, fui eu; quem a enriqueceu de diamantes, fui eu ainda! tu aceitavas tudo como das mãos da Providencia, mas sabes agora que a tua providencia era o pobre escravo a quem um dia livraste do açoute, a quem ensinaste a ler nas horas vagas de teus estudos, a quem deste a liberdade privando-te do ultimo recurso que te restava! Teu pai arruinado não me causou pena; mas tu... chorei muitos dias tuas miserias! Quando Deus ensinou-me o caminho da fortuna, já era tarde para ti, mas em boa hora para teu filho. Sabes bem, bem! que teu filho tem um pai! Também tiveste um irmão. Tu não te desdouras com esta fraternidade, bem sei; tu não pesas os homens pelas cores, mede-os pelas acções. Pedro, se bemdicto! (*Ouve-se dentro barulho de vozes e tinido de armas.*)

SCENA V

Os mesmos, DURO, PONTES e MENDES. Côro interno e Garimpeiros de todas as classes e cores.

DIO. (*vendo apparecer os novos personagens*) — Silêncio!... senhores!... Não vinde perturbar o repouso do justo!...

PONT. — Os assassinos? Os assassinos?

DIO. — Chegãrão tarde.

MEND. — E tu, negro, que fizeste?

DUR. — Sim, um caçador de onças! O que fizeste, Dionisio?

DIO. — As feras humanas são mais terriveis que os tigres; não pude com ellas!

MEND. — Não digas; tu um mulato possante e valente!

DUR. — Qual! Naturalmente, estão por ahi de canellas esticadas. Dionisio não era capaz de deixar escapar os assassinos de Pedro Serrano. E' impossivel!

DIO. (*mostrando o céu*) — Ha forças superiores! Gastei todos os meus cartuxos, os meus tiros forão impotentes, falharão me as pontarias. Não lutei com elles braço a braço porque me achava retirado, além do arroyo; quando pude atravessal-o na pinguella elles já se ião

PONT. — Mas não ha salvação para o pobre do nosso Pedro ?

DIO. — A salvação d'elle são os braços do Creador ! Já chegou lá.

PONT. — Morto ? !

TODOS. — Morto !

DUR. — E' horrivel ! E escaparem esses miseraveis !

DIO. — Tinhão bons cavallos.

PONT. — Mas como foi o companheiro d'elles nos prevenir ?

DIO. — O companheiro ? !... Não o vi...

DUR. — Mas não ficou algum ao menos para nossa vingança ?

DIO. — Não.

PONT. — Então vamos perseguil-os ! Devemos mata-os ! Vamos...

TODOS (*menos Dionisio*) — Vamos !... Vamos !...

DIO. — Senhores : é tarde ! Estão bem montados, é escusado ; nem se deve perseguil-os.

DUR. — Tens razão. Mandemos narrar o facto ao chefe de policia, os salteadores são conhecidos e a morte de Pedro deve ser vingada pela justiça. (*A' Mendes*) Sr. delegado, deve fazer auto de corpo de delicto.

(*Seis comparsas vão com um ponche, enleião o cadaver de Pedro, collocão sobre os hombros e vão atravessando a scena.*)

MEND. (*respondendo*) — Farei por obrigação. Mas não banze com isso, homem ; a justiça dos sertões são lavradas com tinta de polvora e bala da bocca de um bacamarte !

ALGUNS. — Verdadeira justiça !

DUR. — Mas essa, já não é possivel.

DIO. (*avançando*) — Senhores, tomba a justiça da terra, mas vigora a justiça de Deus !

(*Todos tirão os chapéus ; abrem cortejo, passa entre alas o cadaver e vai sahindo acompanhado por todos.*)

Côro (cantando)

Bsmdicto seja na terra louvado,
O Pai que espera no céu tão clemente
Ao filho que tem por sorte o martyrio,
Ainda morrendo não penitente.

(Bis)

(*Vão sahindo todos ; atraz vai Dionisio levando Descio pela mão, párao estes quasi no fundo da scena em um lugar elevado, Dionisio*

ajoelha-se aos pés de Descio e encosta soluçanão, o rosto na mão esquerda d'elle.)

DESC. (*Estendendo a mão direita para o lado em que seguiu o prestito. Com voz forte e sentimental*) — Pai! Pai! Ainda hei de ser homem.

(*O côro suspenso um momento continúa ao longe. O panno desce lentamente.*)

JOSÉ DE SÁ E BRITO.

RIM DO PROLOGO

BIOGRAPHIA

O CONDE DE PORTO ALEGRE

II

Escurecido o céu da pátria, debaixo do denso véu da revolta que arrancou do braço da paz o povo pa-lor e industrioso d'esta provincia, corria a revolução no seu primeiro periodo, ainda de effervescencia, de surpresa para os observadores e homens publicos, quando repentinamente viu-se apparecer os primeiros signaes da reacção.

O povo da capital tinha demais soffrido dos revoltosos.

A canalha desenfreada alardeando o procedimento dos farropilhas da revolução franceza accommettia o lar da familia, violava o direito de propriedade e insultava os cidadãos pacificos que alheios as dissenções politicas vivião no remanso dos seus solares; uma horda de homens pervertidos, da mais baixa relé fazião parar os cidadãos ou entravão em suas casas e lhes davão bolos, fazendo passar recibo em face de suas familias, de suas proprias mulheres e filhas.

Reinava a anarchia em toda a sua hediondez, a cidade era presa da desordem, e não havia ordem nem governo possivel; o proprio José Gomes Jardim, Calvate, Marciano e outros dos mais influentes, desesperavão com a situação. Tudo parecia determinar a reacção que teve lugar no dia 14 para o dia 15 de Julho de 1836.

Não é difficil indagar quem forão os promotores que sustentarão a causa do imperio n'esta emergencia difficil.

Todos os que não podião supportar o desenfreamento dos *farro-pilhas*, todos os homens serios e honestos, todos os que tinham a perder, se congregarão para conjurar uma tal situação. A cidade estava desolada, despovoada pela emigração havida por occasião da entrada de Bento Gonçalves, á 20 de Setembro de 1835, e depois pelas levas feitas pelos sediciosos; mas não faltarão homens de boa vontade que á um signal convencionado se reunissem para se apoderarem da cidade, sem lembrarem-se que podião fracassar ante as forças sediciosas que bem perto existião.

O desespero, que n'esta occasião não foi máo conselheiro, chamou a conclave secreto os opprimidos que se entenderão com Juca Ourives, coronel José Ignacio da Silva Ourives, que tinha forças legaes reunidas em Santo Antonio da Patrulha sobre a costa do arroio Miraguaia, o qual antecedendo de alguns dias o momento aprazado, deixou penetrar uma partida na cidade, que vindo sobre o *Trem*, Arsenal de Guerra, ahi perdeu um dos seus homens, a quem o feroz José Paulo, que servia o lugar de vice-director, cortou uma orelha. Este incidente, porem, não desanimou os reaccionarios que no dia 15, contando então com suas unicas forças e em numero de 240 homens mal armados se acharão senhores da cidade, guarnecendo os pontos e tendo no quartel do 8º mais de 300 presos dos sediciosos.

Os reaccionarios forão buscar o velho João de Deus, visconde de S. Gabriel, para seu chefe e não esquecerão o sympathico major Marques * que incontinenti forão tirar da infecta prisiganga que estacionava em frente da *Marinha* **.

O que se succedeu a reacção, aquella luta, quasi homerica, que sobrepujava o animo mais esforçado, os trabalhos materiaes que se tiveram de executar para circumdar a cidade de um entrincheiramento de madeira, o susto, a anciedade porque passavão as familias vendo a cada momento aproximarem-se as forças sediciosas, visto que bem longe estava o commandante das armas, Bento Manoel Ribeiro e não havia probabilidade de soccorros do Rio Grande, porque a Itapuan estava guarnecida pelos revoltosos, tudo isto é bem difficil de descrever-se e parece ainda um sonho para o nosso espirito; o que sobressahia no entanto era a actividade de todas as horas, de todos os instantes, era a presença de um homem que estava em toda a parte, risonho, animador e confiado em suas proprias forças e nos exiguos recursos da cidade. Este homem era o major Marques, que se podia dizer a alma da reacção.

* Conde do Porto Alegre.

** Arsenal de Marinha.

As forças physicas do general João de Deus estavam enfraquecidas e elle pôde apenas conservar o commando por quatro dias, passando-o ao general Francisco das Chagas Santos.

A cidade achava-se sitiada no dia 20 por forças de mar e terra. Era Bento Gonçalves em pessoa que commandava as forças de terra, computadas em 1,500 praças. As forças de mar sob a chefatura de José Pereira da Silva compunhão-se do brigue *Bento Gonçalves*, commandante o chefe, patacho *Herval* de propriedade de Modesto Franco, commandante Miguel Pratico, escuna *Farropilha*, commandante Juca Mulatinho, e palhobote, commandante Joaquim Gonçalves de Saibro.

Continúa.

DR. CALDRE E FIAO.

AS SAVANAS NATALICIAS

Deus vos salve savanas natalicias
Exuberando luz, encantos, vida,
Ninho de casto amor,
Onde livre o gaúcho se adormece
Fitando os horizontes que campeião
Luzentes de fulgor.

Olhai attento pr'o mundo,
Quantos desertos sem fim !...
Tredos abysmos profundos
Ai quantos horrores, sim !..
A Europa tem o seu Volga
E os plainos Danubianos,
Valles immensos, longiquos,
Quaes campos Peruvianos.

A Asia tem o Gabi,
E mil steppes tambem,
Aridos, vastos, infindos,
Que se perdem muito alem;
Onde ruge o Samiel
Envolvendo a densa areia,
E o viajante perdido
Pende a frente e cambaleia.

A Africa triste e sosinha
N'essas vastas solidões,
Com seu Sahara sombrio
Perdido nas amplidões ;
Ambos desertos immensos,
Só areia, areia só,
Onde tristes caravanas
Sentem sede e encontrão pó.

A Oceaniã tão joven

Tambem tem sua planura,
Altivos montes sombrios,
Valles sem doce frescura.
O seu céu é cupula augusta,
Zimborio das vastidões ;
Aonde as fagulhas se perdem
De seus medonhos vulcões.

America ! sonho fagueiro !
Meiga virge' americana,
Vasto jardim encantado,
Oasis da raça humana !
Em teu seio se dilata
Magestoso, altivo o pampa ;
Em cada lago de prata
Teu céo formoso s'estampa...
Oh ! que savanas infindas !
Meu Deus, que bellas ! que lindas !

E tu, Rio Grande, meu berço,
Meu torrão de Santa Cruz,
Estrella que fulges meiga
N'um diadema de luz,
Que tens os filhos guerreiros
É a liberdade por lei !
Não tem o mundo savanas
Iguaes ás tuas, eu sei.

Deus vos salve sava nas natalicias
Exuberando luz, encantos, vida,
Ninho de casto amor !
Onde livre o gaúcho se adormece
Fitando os horisontes que campeião
Luzentes de fulgor.

1870.

A. TOTTÁ.

CARTA

Quando eu era creança, minha bella,
Passava enamorado um'hora inteira
A' vista de uma estrella ;

Hoje de mil cuidados carregado,
Nem já me resta o tempo
Para estar descansado !

Este — vive no seio da opulencia
No paterno agazalho,
Eu, ó bella, si vivo, é do meu rosto,
E' só do meu trabalho !

Aquelle — passa os dias se compondo
Defronte de um espelho,
Eu, querida, me encurvo
Dos livros no conselho !

Assim para escrever-te agora, as folhas
Do pobre livro feixo...
Mas enquanto me estimes, minha bella,
Da vida não me queixo !

Rio de Janeiro.

F. A. FERREIRA DA LUZ.

A AMERICA

Como a Venus pagã surgiste um dia
D'entre as espumas de anilados mares ;
Por diadema trouceste, soberana,
Do resplendente sol as iriações ;
Sobre os hombros cahia verde manto
De rubins e topasios esmaltado ;
Era um manto de estrellas que arrastavas...
Doce filha das virgens solidões !...

Quando um dia o génio de Colombo
Concebeu-te na febre das vigílias
E um amparo pediu de porta em porta
As mais soberbas e viris nações,
Armada a ignorancia levantou-se
Para atirar os mais crueis motejos
Ao pobre genovez que em sonhos viu-te,
Doce filha das virgens solidões.

Não era uma utopia !... Era a verdade !...
E o mundo desdenhou !... Chamou loucura !...
E' o baptismo das idéas grandes !...
E' a sentença atróz das multidões !...
Porem Colombo em vez de abandonar-te
Sentia-se mais forte do que nunca
E a crença e a fé por ti mais o enlevava
Doce filha das virgens solidões.

Mas quando o seu olhar a vez primeira
Contemplou o alcaçar do Novo Mundo,
Tudo esquecerá n'esse doce espasmo
De mysticas e santas emoções ;

E sua alma subiu ao céus n'um extases
Para cantar hosannas ao Supremo,
Que entre as ondas dos mares te esquecera...
Doce filha das virgens solidões.

Jamais o olhar humano se embebera
N'um proscenio tão bello e assoberbado;
Refulgião na gleba as pedrarias
Como do sol a luz em borbotões.
E o zimbório immenso dos espaços
A colossal vegetação suslinha
Como columnas de infinita arcada...
Doce filha das virgens solidões.

Ah! no meio de tanta maravilha,
Derramavão-se as tribus dos caboclos.
Não tinham luzes, mas em recompensa
Deus, de nobreza ungiu-lhe os corações,
E banhou-lhes a fronte bronzeadada
Nas ardentes e lucidas scentelhas
Do fulgurante sol da liberdade...
Doce filha das virgens solidões.

E para honrar o nome de Colombo,
Que o novo mundo então tinha creado
Deus inspirou o grande Gutenberg...
E a imprensa veio a luz das creações...
E o livro corre do palacio á choça...
Vai da cidade aos sertões longiquos,
Sobre as azas de fogo do progresso...
Doce filha das virgens solidões.

E o Novo Mundo de semblante erguido
Abraça o livro e a instrucção se espalha.
O progresso não vê mais impossiveis
Vence a luz as erroneas convicções...

Oh ! raças do futuro ! A gloria é nossa !...
Cada dia que passa é um triumpho,
Porque á Deus nos une a liberdade...
Doce filha das virgens solidões.

ACHILLES PORTO ALEGRE.

FRAGMENTO DA PROSA DO ASHAVERUS

(EDGAR QUINET)

À SILVINO VIDAL

.....

O Padre Eterno

Como um immenso borrão que o livro meu encerra,
Apressa-te, Oceano, a apagar a terra.

O Oceano

Corro !... acima do mundo a torre resta apenas
De um rei, onde circulão taças plenas
De rubido licor ; mas tal não m' é empeço,
A's salas do festim vereis té onde cresço !

● Rei

Qual um lago, o diluvio em baixo faz acervos !
Já toda occupa elle a habitação dos servos.
Muge ; muge, Oceano, aqui não tens accesso,
Do reino guardas mil irão vedar-te o ingresso.

Primeiro Satrapa

Se viesse — do meu rei as plantas beijaria b

Segundo Satrapa

Sobre montes deixar de fina pedraria !

O Rei

Presentes á esta festa ostão todas as grandezas ;
Subirão meus degráus da terra as realezas !
Não ha de faltar vinho, ha vinho em profusão ;
Se a fome nos vier, p'ra fome temos pão.
No céu tambem folgando estão talvez estrellas !
Qu'espadas de luz ! que grão prazer em vel-as !
Té do ódre a ultima gotta irá verter na taça
O Oceano, — enquanto a nós aqui nada embarça.

Silencio ! que arruido ! um vagalhão se atira !

Primeiro Satrapa

E' nada ; é vosso povo, que geme, que suspira.

O Rei

Olhai ! cresce o fragor...

Segundo Satrapa

E' nada ; é um simples choro...

O Rei

Então folgai té noite ! hosanna, hosanna em côro !

O céu á nossa vista ensombra, relampaga ;
Do mar no dorso espumeo alem se empina a vaga.
O mundo aos nossos pés blasphema uma ironia !
A taça em punho, ó reis ! orgia e mais orgia !

Rio de Janeiro.

E. LIMA.

Como lindo entreabriu nos labios pallidos
O teu formoso beijo !
Era um lyrio em botão que desbrochava,
Suave inspiração do enlevo archejo.

E eu vi passar na mente um mundo ethereo,
Celestes harmonias,
Quando o colhi nos labios meus ardentos,
E vi que no meu seio estremecias.

No supremo momento eu protestava
Contra os cegos atheus :
Existe um tal complexo de venturas,
Tão doce encanto ? Logo : existe um Deus.

DR. CALDRE E FIÃO.

CHRONICA

Tarde soubemos que eramos encarregado da *chronica* d'este mez, que merecia uma outra penna de mais tirocinio e gosto para commemorar um mez de tantas tradições para o Brazil.

Setembro recorda o mais feliz dos acontecimentos para os brasileiros; foi o mez em que um povo captivo quebrou as algemas, que comprimio-lhe os pulsos, e livre bafejado pelas auras da liberdade caminhou avante na estrada do futuro; era justo pois que melhor chronica occupasse estas paginas.

Luso-Brazileiro. — Esta sociedade dramatica, composta de jovens amadores, que se dedicão com tanto afan ao estudo da arte dramatica, levou á scena durante o mez: o drama — *Homens do Povo*, scena comica — *O Photographo*, comedia — *Coincidencias* e os dramas: o *Ouro* e *Sentenças do céu*, aquelle original do talentoso joven Dionisio Monteiro, e este do intelligente J. Torres.

E' digno de apreço e estimulo a sociedade *Luso-Brazileira* pelo modo porque tem desempenhado a missão, a que se propozera, pela dedicação de seus socios á arte tão mal fadada entre nós.

Associações. — Na Córte installou-se o *Atheneu Academico* composto dos estudantes de medicina; e em Curitiba a *Propagadora do Ensino*.

O *Parthenon* saúda as novas co-irmãs que se apresentam á conquista do trabalho e da gloria.

Aulas. — O *Progresso da Humanidade* deliberou instituir um curso de aulas nocturnas. Já é bastante conhecida a utilidade das aulas nocturnas e sua necessidade para as classes, que, não podendo utilizar-se do ensino por outro meio devido as occupações

diarias; dedicação-se á noite ao cultivo do espirito, e assim formarem cidadãos, nos quaes devem descansar as columnas da patria.

Honra, pois, ás associações que, comprehendendo as vantagens do ensino, cooperão para que os espiritos, envoltos em trevas, sejam alumiaados pela luz vivificadora da instrucção.

O *Progresso da Humanidade* é digno de encomios pela sua nobre resolução.

Litteraria Gabrielense. — Esta sociedade realisou no dta 7 do corrente mez o seu 2º anniversario com uma animada sessão, occupando a tribuna diversas socias e socios, que proferirão brilhantes discursos e lindas poesias.

E'-nos grato ver o adiantamento, que tem tido esta associação tão cheia de nobres estimulos e fé.

Já era tempo da mocidade Gabrielense ir colher no mundo das letras as coróas de glorias, que são dadas aos que se empenhão em tão afanosa, quanto gloriosa luta, e assim mostrar que se no clangor dos combates, entre os ruidos das bombardas e nas agruras da campanha, o Rio Grande não extenua, não estala, não encontra obices, quando a patria necessita o concurso de seus filhos; assim no doce descanso da paz elles se empenhão na mais titanica das luctas—a lucta do pensamento.

Segui, ousada mocidade Gabrielense, na missão, que tão nobremente empenhastes; segui á conquista do futuro; é santa a vossa jornada; apostolos de uma grande idéa, tereis para descanso de vossas fadigas as benções de um povo, que tributará verdadeira homenagem ao vosso merito.

Bibliotheca Pelotense. — Consta-nos que em Pelotas trata-se de fundar uma bibliotheca publica. A ser exacta semelhante noticia é uma idéa digna de acoroçoamento por parte do publico pelotense, porque ella virá preencher uma grande lacuna n'aquella cidade.

Ha muito que a donairoza cidade do sul resente-se de uma instituição, que na senda das letras venha competir com outras suas irmãs.

Pelotas, que tanto se tem avantajado em outros ramos do progresso, apta para dignos commettimentos; até agora não tem uma instituição que demonstre o grão de seu adiantamento na republica das letras, é justo que se não deixe ficar immobil, e que venha concorrer com seu auxilio para o grande edificio do futuro.

Instituto Brasileiro. — Com este titulo os Srs. Hilario Ribeiro e Appollinario Porto Alegre pretendem fundar no principio do anno vindouro um internato de instrucção primaria e secundaria, amplamente desenvolvido. Lemos o programma do Instituto ainda inedito e o julgamos bem elaborado.

Laços de familia nos inhihem de tratar d'esse util estabelecimento conforme pensamos, das vantagens que trará á provincia e do apoio

que merece do publico ; no entanto auguramos ao *ânstituto Brazileiro* o mais feliz futuro.

Bibliotheca Rio-Grandense. — Esta bibliotheca de que os leitores já terão noticia sahirá a lume no proximo mez.

Violetas. — Acha-se no prelo o volume de poesias intitulado «*Violetas*» do intelligente jovem Mucio Teixeira.

Saudamos o autor d'esse ramalhete, que virá nos embriagar a alma com os suaves perfumes d'essas candidas flores ornadas de viçosas folhagens, aonde se occultão as modestas violetas.

Publicações. — Durante o mez apparecerão diversas publicações, entre ellas o *Coração de Ferro*, do Dr. Antonio Vaz Pinto — *A Descoberta da Terra*, de J. Verne — o drama *Jesuita*, de J. de Alencar — *Ensaio na tribuna popular*, do Dr. Oliveira Bello — a *Provincia de S. Paulo*, pelo Dr. Godoy.

Revista dos theatros. — O Sr. Luiz Braga Junior publicou na côrte um jornal, que se dedica exclusivamente á causa do theatro ; saudamos ao novo campeão almejando-lhe prolongada e feliz existeneta.

Byron. — A Inglaterra trata de erigir um monumento á memoria do immortal poéta Byron. Era uma divida sagrada que a nação britanica devia a esse titanico genio, sebem que melhor monumento já elle tivesse construido em suas obras.

A. TOTTA.

Obra de Parian
